

■ NACIONAL

O sucesso nas escunas e traineiras da Ilha Grande

Claudio trocou a violência do Rio pelo papel de Caronte no litoral sul do estado, e não tem motivos para se arrepende da decisão

Jorge Pereira Filho
da Ilha Grande

Claudio vendeu os dois carros, a moto, quase tudo, menos as três traineiras velhas, que deixou na Ilha Grande, e foi para a Bahia. Estaleiro de Cajafba, para ser mais exato. Levou consigo o dinheiro juntado naquelas vendas: R\$ 50 mil. Deu de entrada em três escunas, das grandes. O restante, pagaria no fim do verão. Claudio Moreira de Alencar partiu em dezembro de 1997 da Bahia de Todos os Santos, todo orgulhoso no comando da frota nova, e todo assustado com a dívida assumida, de R\$ 250 mil.

Cinco dias no mar e chegava à Baía da Ilha Grande. Aliás, à própria, defronte a Angra dos Reis, no litoral sul do Rio. Nunca, até então, algu

guém apostara tão alto no turismo da Ilha. Se não tivesse retorno em três meses, estava liquidado.

Os ilhéus olhavam desconfiados as escunas brancas atracadas no cais do Abraão. Duvidavam do carioca que chegara à ilha num pequeno barco de pesca e enriquecia no transporte de turistas. Claudio contratou mestres, marinheiros, ajudantes. Comprou óleo e coletes salvavidas com cheques pré-datados. Na Procissão Marítima do Ano Novo de Angra, alugou por R\$ 18 mil seus barcos — as três velharias e as três

novidades. Pôs as traineiras em passeios pela orla enquanto as escunas, maiores, buscavam turistas do continente. Eram as viagens mais lucrativas. O combustível não custava R\$ 50 e oitenta passagens, a R\$ 10, rendiam R\$ 800. Nos primeiros nove dias, faturou R\$ 100 mil. Quando o carnaval chegou, nada mais devia.

O sucesso de Claudio estimulou os pescadores a criarem uma associação. Nela, cadastraram mais de cinquenta embarcações para dez passageiros e duas para cinquenta. A concorrência associada não assustou o criador da frota Santa Isabel:

"Hoje muitas pessoas ficam no cais de Angra sem conseguir barcos", festeja Claudio.

Muita coisa mudou desde que ele e a mulher, Maria Luiza Arantes Sayão, chegaram no Abraão. Na época, poucos se arriscavam a conhecer Ilha Grande, malafamada pelo presídio Cândido Mendes. Histórias de fugas e violência policial inibiam o turismo. E ele e Luiza foram parar lá justamente fugindo da violência. A do Rio.

Apaixonado por motos, no inverno de 1986 Claudio tinha 24 anos e uma CBR de 450 cc por cilindrada. Caiu, numa rua da Tijuca, e foi "soco corrido" por dois homens armados que levaram a moto — o seguro vencera na véspera. Para esfriar a



Claudio Moreira de Alencar

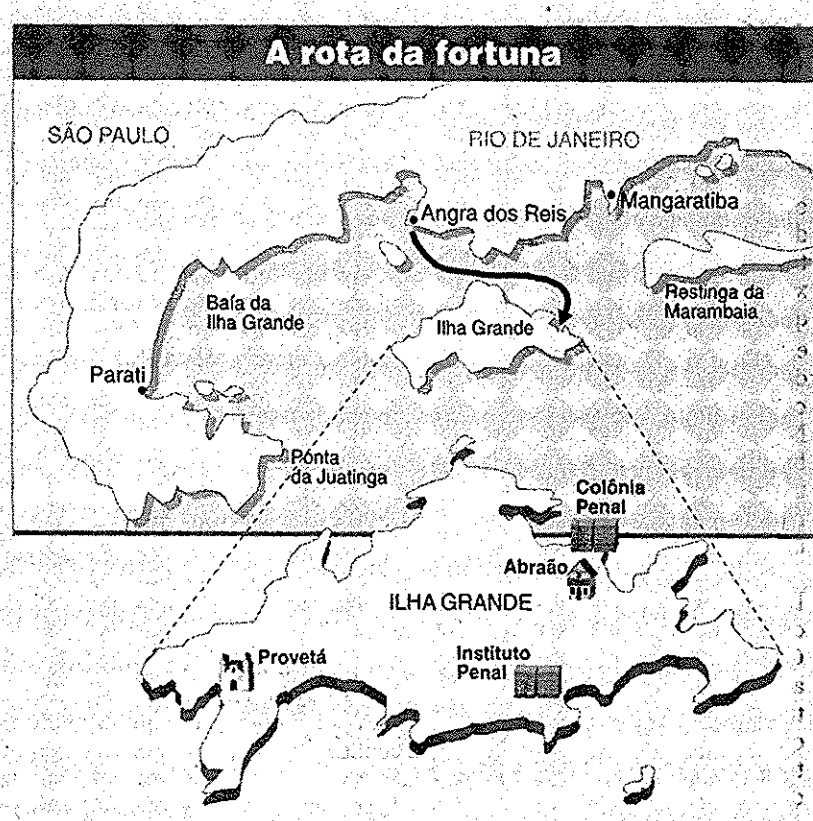
cabeça, ele e Luiza pegaram a traineira, que usavam para pescar nos fins-de-semana, e ancoraram na ilha. Pescaram durante a semana toda, no sábado venderam os peixes e, quando viram, moravam lá. Em três meses alugaram uma casa e deram adeus ao confortável apartamento de dois quartos na Tijuca.

Claudio percebeu que o aluguel do barco rendia "até dois salários mínimos num dia" aos pescadores. Na ilha, não há carros e o barco é a única opção para conhecê-la. Ele juntou dinheiro, comprou outra traineira. Ficava com a menor, de partida manual. Maria Luiza, no comando da maior, virou atração turística. Magra, 1m60, 20 anos, amarrava a corda no atracadouro, içava a âncora — e impressionava até pescador.

Nos dias úteis, turista sumia. Eles abriram loja de material de construção e compraram duas chatas para o transporte dessas cargas. Uma delas, a *Bem Amado*, percorria as comunidades de Araçatiba, Praia Vermelha, Vila do Aventureiro e Parnaíba. Partia do Abraão às 6h da manhã, lotada de bujões de gás, cal, massa, tijolo, cimento. O pastor de Provetá o recomendou aos fiéis — era mais cômodo, e mais barato.

Em 1993, a demolição do presídio alterou a Ilha. O turismo cresceu e o pessoal da penitenciária investiu no comércio: lojas, pousadas, bares, campings. A capacidade de hospedagem dobrou em sete anos. Em 1994, com o Plano Real, o turismo tornou-se mais lucrativo. Para as populações de baixa renda, a ilha ficou bem mais acessível.

Apenas uma barca de grande porte, da Conerj, levava passageiros de Angra e Mangaratiba, uma vez por dia. Trajeto de mais de hora e meia. Com horário fixo, era só. Claudio vendeu as chatas e saiu em busca de uma escuna. Um ano depois, em fevereiro de 95, contentou-se com a traineira de pesca profissional *Santa Isabel*. Barata: R\$ 30 mil. Tinha R\$ 10 mil. Jurou o resto para depois do Carnaval. E botou a *Santa Isabel* no trajeto Angra—Ilha em 2 horários: 10h30 e 16h. No começo, assustou-se. Depois, a notícia se espalhou e, em pouco tempo, pagou a dívida. Muitos o imitaram. Poucos tive-



ram sucesso. Pescadores puseram horários diferentes, criaram competição. Claudio tinha mais cacife. E reinvestia tudo. Hoje, aos 36 anos, é o maior no ramo. Mora de aluguel, mas a firma tem patrimônio de R\$ 700 mil. A sogra implora para que compre uma casa. Ele compra barcos. Neste verão, uma lancha para

40 pessoas foi a sensação do Abraão. Faz a travessia em 35 minutos, metade do gasto por uma escuna. Turistas e ilhéus aprovaram. Por R\$ 15, podem ir a Angra, ligeirinhos. Mesmo na baixa temporada, viaja lotada. Claudio agora fala em trocar metade da frota por lanchas iguais. Que venham os credores.

Turismo predatório ameaça futuro do paraíso ecológico

Júlio Francisco do Amaral viajou 12 horas num porão de navio. Capturado entre os revoltosos paulistas de 1932, ele e 600 companheiros estrearam a Colônia Penal Cândido Mendes, em Ilha Grande. Por três meses, só viu banho de água salgada. Comia duas vezes ao dia: leite e pão pela manhã, sopa à tarde. Rotina dos adversários de Getúlio Vargas.

Júlio foi libertado e voltou para casa, em Piracicaba. "Não queria ouvir falar da Ilha Grande". Estudou, formou-se engenheiro agrônomo, casou, não teve filhos e com-

prou um barco. Em 1979, pescava com a mulher perto de Angra dos Reis. O motor pifou. Procurou refúgio na Vila do Abraão — a menos de duzentos metros da antiga prisão. Havia um terreno à venda, de frente para o mar. Nunca mais saiu de lá.

Seu vizinho na Ilha, Valter de Souza Tristão, o *Murilo*, quase morreu congelado. No presídio, coordenava a pescaria, distribuía os peixes, convocava condenados para o trabalho — atenção especial para os desafetos. Uma noite, um grupo quis fugir com o barco da pesca. Murilo

discordou e foi parar no frigorífico. Tanto sobreviveu, que pode contar: "Tirava os fusíveis antes de dormir, para não me esquecerem trancado".

Em 1960, matou dois, num bar da Lapa, no Rio. Tinha 23 anos e passou quinze no Instituto Penal Cândido Mendes, criado em 1941, na Ilha, depois da desativação da colônia penal. Ali conviveu com gente famosa como o companheiro de Lapa e boêmia *Madame Satã* — João Francisco dos Santos, que respondeu a 29 processos, livrou-se de dezenove e pegou 39 anos de cana. Recebeu *estrela verde* de bom comportamento, cumpriu 27 e saiu, livre. O malandro continuou na Ilha Grande. Festeiro, bolava fantasias, animava o carnaval. Está enterrado no cemitério do Abraão desde 1972.

Murilo comprou seu canto. "O melhor que a aposentadoria de um salário mínimo pode me dar". Tem 60 anos e dois filhos na universidade. Viúvo, mora com a velha canoa vermelha e rema quase toda noite — hábito de preso. Só não volta com

tantos peixes. Ficou difícil pescar no lixo e no esgoto de mil vizinhos.

"Há quatro anos reclamamos e nada acontece", lamenta Aldemir Ribeiro, ex-pescador. A Prefeitura de Angra prometeu, para este ano, sanear o Abraão. Pouco para os ilhéus, insatisfeitos desde 1993,

Metade da população perdeu o emprego. A ilha empobreceu. Sem a prisão, ficou prisioneira do turismo desorganizado.

quando o governador Leonel Brizola mandou pelos ares o Instituto Penal Cândido Mendes. Metade da população perdeu o emprego. Agentes penitenciários foram transferidos — a maioria para Bangu. A Ilha empobreceu. Sem a prisão, ficou prisioneira do turismo desorganizado.

Não há limite de visitantes nem taxa de preservação ecológica, como em Fernando de Noronha. A in-

fra-estrutura é precária. O lixo orgânico, por falta de opção, acaba incinerado em área protegida pelo Ibama. Só tem um posto de saúde, para pronto-socorro. Medicina moderna demora 35 minutos, pela lancha da Defesa Civil. A segurança fica por conta de um destacamento de 23 guardas da Florestal.

Na temporada, faltam luz e água. Comunicação, só telepática: quem depende do telefone público, fica ilhado. Dois dos três não falam, não escutam e nem ligam. A fila dobra o quarteirão. E celular só funciona na lua cheia — e com maré baixa.

Apesar dos contratempos, o número de visitantes cresce a cada ano. Em 1998, foram 150 mil turistas. Vêm conhecer o Saco do Céu, a gruta do Acaí, a ilha do Macaco, surfar na praia de Lopes Mendes ou na do Aventureiro. A Prefeitura de Angra e associações de moradores tentam consertar a natureza destruída. A Secretaria do Desenvolvimento fez um Plano Diretor, no ano passado. Ficou no papel. "Os ilhéus têm

que aceitar as propostas, não podemos obrigá-los a nada", diz Graziela Mendes Ferreira, assessora do Desenvolvimento Sustentável de Angra. Paulo Sérgio Diniz, presidente da Associação dos Barqueiros, reclama investimentos. "O turismo é muito novo por aqui. Todos nós temos muito o que aprender". É bom que aprendam logo. Turismo desviado faz muito estrago.

(J.P.F.)

Comunidade castiga quem sai da linha

Não tome atitudes ofensivas nem diga palavrões, você está sendo observado e pode ser repreendido. A tabuleta, afixada no carnaval passado na cabine telefônica da religiosa comunidade de Provetá, Ilha Grande, não ameaçava o turista de boca suja com a Ira Divina. Era coisa da *swat*, gente mesmo, e disposta a dar castigos bem mais radicais do que meras repreensões. Na quarta-feira de cinzas, 17 de fevereiro, o empresário carioca José Antônio Ferreira amanheceu enforcado. Treze testemunhas disseram, na 166ª Delegacia de Angra dos Reis, que ele foi punido, talvez por ter bebido no bar e ficado inconveniente.

"Queriam roubá-lo e dar um corretivo. Ele reagiu e morreu", conclui o diretor Regional da Polícia, Rodolfo Waldeck. A *swat* não perdoa quem infringe as regras da vila. "É coisa local. Quando alguém fica bêbado ou faz arruaça, leva uma surra para ficar esperto", diz um morador que prefere não se identificar.

Em Provetá, não há policiais. Mas os ilhéus não dão trabalho ao pastor Eliseu, da Assembléia de Deus. Não exibem o corpo em trajes de banho, não bebem, não dizem coisas feias. A voz do pastor é lei — faz 63 anos. Há três, a escola organizou uma feira de artes. O pastor foi contra, nos dois megafones do templo. Os alunos abandonaram a idéia. Antes de qualquer festa, agora, a escola apresenta relatório. Ele nem lê: aprova. Um avanço. Já permite até festas cívicas, como a de 7 de setembro.

Os poucos dissidentes vivem na escuridão — o gerador da igreja ilumina só casa de devoto e, o municipal, só de vez em quando. A maioria das construções, mal acabadas, nem fiação possui.

Mais confortáveis são os cultos. O pastor mandou instalar treze ventiladores na igreja. E os preceitos podem atingir um raio maior, graças aos novos amplificadores. O pastor agora quer investir no turismo. Ao lado da igreja, constrói um hotel para fiéis continentais não precisarem ficar na pousada laica. Por sinal, às moscas, pois os turistas dependem dos barcos dos pescadores locais para chegarem lá — os do Abraão evitam essa viagem — e nem todos conseguem carona.

(J.P.F.)